

Boris Johnson e a Organização do Reino Unido

Via [International Viewpoint](#)

Em janeiro de 2020, Viktor Orban, primeiro-ministro e homem forte da Hungria, chamou Boris Johnson, “um dos políticos mais corajosos da Europa”. Ele parabenizou o Partido Conservador por vencer as eleições gerais no mês anterior, apesar de “o mundo inteiro” ser contra Johnson.

Um elogio tão completo de um líder profundamente autoritário e antidemocrático é incomum, mas não foi a primeira vez que os caminhos de Johnson e Orban se cruzaram. Ambos saíram do estábulo Steve Bannon e ambos estavam comprometidos com o populismo, o fim da União Européia e a derrubada da democracia liberal. Bannon, o anterior guru ideológico e diretor de campanha de Trump nas eleições americanas de 2016 há muito tempo tinha o objetivo de cultivar um curral de populistas europeus que promovessem suas ideias de extrema direita em todo o continente e o Brexit era um de seus projetos favoritos. Em seus comentários do ano passado, Orban também elogiou Brexit e o marcou como um dos seus projetos favoritos:

As ligações de Orban com o Partido Conservador remontam ao referendo Brexit, no qual Johnson desempenhou um papel tão importante. Os eurodeputados conservadores haviam sido criticados por estarem quase sozinhos entre os principais conservadores da Europa Ocidental e por se recusarem a censurar a Hungria por violações do Estado de Direito. Orban tinha sido um dos primeiros convidados de Theresa May em Downing Street depois que ela se tornou primeira-ministra em 2016.

O regime de Orban na Hungria tem sido um caso exemplar de desmantelamento da democracia, mantendo uma fachada pseudo-

democrática. Ele se colocou como o defensor de uma Europa de “valores cristãos” opostos ao liberalismo, aos direitos humanos, às minorias e à União Europeia. Esta é a guerra da cultura escrita em grande escala e está diretamente fora do livro de Steve Bannon. Para o Fidesz (o partido de Orban) ganhar tração, Orban teve que apelar para as imagens populistas da história húngara, a principal das quais é o ódio e o medo dos turcos e do islamismo, que governaram a Hungria durante séculos sob o disfarce do Império Otomano. Em 2015, quando os refugiados da Síria chegaram aos Bálcãs através da Grécia, a Hungria selou suas fronteiras e ergueu cercas de arame farpado, emitindo uma declaração de que não aceitaria refugiados e que qualquer encontrado na Hungria seria detido. Muitos refugiados se encontravam dormindo na estação ferroviária principal de Budapeste ou perto dela, a caminho da Alemanha ou da Áustria. Um repórter da BBC perguntou a um garçom de um restaurante próximo por que a Hungria não estava preparada para aceitar nenhum e sua resposta foi que a Hungria era “o escudo cristão da Europa como havia sido durante séculos”. Orban conseguiu explorar este rico campo de sentimento islamofóbico e praticamente nenhum refugiado se estabeleceu na Hungria.

Ele também ignorou as exortações da UE para aceitar alguns e sua postura fortaleceu sua postura de uma pequena e galante Hungria que se dedicava aos grandes estados europeus e se recusava a diluir sua cultura de qualquer forma. Há aqui paralelos com Brexit.

Outra característica tradicional da cultura húngara tem sido o antisemitismo e isto também foi minado com George Soros, o financiador judeu, que também apoiou que a Universidade Europeia em Budapeste fosse caracterizada como uma força maligna que estava tentando enfraquecer as raízes cristãs da Hungria e impor o liberalismo e os refugiados ao país. Orban usou imagens de Soros em seus outdoors eleitorais, que eram tão profundamente anti-semitas a ponto de lembrar os desenhos

animados anti-judeus da era nazista.

Passo a passo e diante da oposição da UE, Orban marginalizou a imprensa, a academia e o Judiciário, aprovando no ano passado uma lei que qualquer pessoa que publicasse qualquer informação sobre a pandemia de Covid não oficialmente seria sujeita a uma sentença de prisão. Efetivamente, a censura total. Ainda existem algumas fontes de resistência como o recém-eleito prefeito de Budapeste de um partido de oposição. Mas, da mesma forma que os líderes populistas em outros lugares, não é na capital que ele atrai seu apoio, mas nas pequenas cidades e no campo. Gradualmente, os direitos das pessoas e mulheres LGBTQ foram retirados em nome dos “valores cristãos”.

Em 2018, como Ministro das Relações Exteriores, Johnson causou indignação ao felicitar abertamente Orban por sua reeleição como Primeiro Ministro. Em sua estratégia de dismantelamento gradual da oposição política no Reino Unido, Johnson viu o projeto na Hungria. Suspendendo o parlamento, amordaçando a mídia, com a BBC agora como porta-voz do governo, proibindo manifestações e tendo seus ministros aparecendo sempre com bandeiras ao fundo, Johnson está seguindo o mesmo caminho que Orban já tomou e sem a UE para garantir direitos após o Brexit, está preparado para usar o nacionalismo e os “valores britânicos” como capa da mesma forma que Orban usou os valores cristãos na Hungria.

A Hungria é agora classificada como uma semidemocracia e é efetivamente um estado de partido único. O objetivo de Johnson é fazer o mesmo no Reino Unido e imitar seu bom amigo nas margens do Danúbio. Já é tarde, mas não muito tarde para evitar que isto se torne realidade.